

## EDITORIAL

### *ENTRE A MEMÓRIA, O CAMINHO E A ESPERANÇA, FAZER-SE INSTRUMENTO DA PAZ*



Ao iniciar um novo ano, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges atravessa mais do que uma mudança de calendário. Atravessa um limiar espiritual, pastoral e humano. Cada janeiro nos encontra carregando histórias, nomes, rostos, feridas e alegrias que não se apagam com a virada do ano. Entramos no tempo novo com a memória viva do caminho percorrido e com a responsabilidade de discernir o que o Espírito pede agora de nós. A comunidade não recomeça vazia, ela recomeça fecundada pela experiência, pelo serviço realizado, pelas celebrações vividas, pelos conflitos enfrentados e pelas reconciliações possíveis. É desse chão concreto que nasce a esperança cristã, nunca abstrata, nunca ingênua, sempre encarnada. Ao longo dos últimos números da *Revista Digital A Caminho de Emaús*, fomos narrando esse itinerário comunitário com fidelidade e densidade. Celebramos a Páscoa como centro da fé, aprendemos a encarnar a liturgia na cultura, refletimos sobre a vocação como dom e serviço, fortalecemos a escuta da Palavra e a comunhão comunitária. Esses

eixos não são temas isolados, mas fios de uma mesma trama espiritual que revelam uma paróquia em movimento, consciente de que não pode limitar-se a conservar estruturas, mas é chamada a compreender o seu tempo, ler os sinais da realidade e responder com criatividade pastoral. Entrar no novo ano é assumir que o que foi construído nos compromete e nos projeta, pois nada é descartável, nada é irrelevante, tudo pode ser purificado e aprofundado. Não é por acaso que a Igreja inicia o ano civil celebrando o Dia Mundial da Paz. A mensagem do Papa Leão XIV para o dia 1º de janeiro oferece uma chave de leitura decisiva para este tempo. Ao retomar a saudação do Ressuscitado, “A paz esteja convosco”, o Papa recorda que não se trata de um desejo piedoso, mas de uma realidade que transforma quem a acolhe. A paz de Cristo não ignora o drama da



história, nem se constrói sobre o medo ou a força. Ela nasce do Crucificado-Ressuscitado, daquele que atravessa portas fechadas e se coloca no meio dos discípulos desorientados, oferecendo uma presença que cura, orienta e reabre caminhos.

Falar de paz, à luz dessa mensagem, é falar de escolhas concretas. O Papa insiste que se trata de uma paz desarmada e desarmante. Desarmada, porque Jesus recusou a lógica da violência mesmo quando foi incompreendido pelos seus. Desarmante, porque a bondade, a mansidão e a misericórdia têm a força silenciosa de desmontar discursos endurecidos e relações marcadas pela hostilidade. Para uma comunidade paroquial, isso não permanece no plano das ideias, mas se traduz em estilo de vida, em modo de decidir, de conduzir processos, de lidar com conflitos e de cuidar das pessoas.

Essa perspectiva lança luz sobre a vida cotidiana da paróquia. Paz na comunidade não significa ausência de tensões, mas capacidade de atravessá-las sem romper vínculos. Paz nas famílias não é idealização romântica, mas aprendizagem paciente do perdão, da reconciliação e do recomeço. Paz nas pastorais e nos serviços não é uniformidade, mas comunhão que respeita carismas, limites e tempos distintos. Onde a paz é cultivada, a agressividade perde espaço, a murmuração se enfraquece e o cansaço deixa de ser apenas desgaste para tornar-se entrega consciente, assumida com lucidez, porque nasce de uma missão partilhada e não de um peso carregado sozinho.



O Papa recorda ainda que a paz se revela com particular clareza quando aprendemos a olhar para a fragilidade. Deus se fez criança, indefeso, confiado ao cuidado humano. A fragilidade, longe de ser sinal de fracasso, torna-se lugar de revelação. Uma paróquia que deseja ser casa de paz precisa aprender a acolher os frágeis, os cansados, os feridos pela vida, os que já não encontram facilmente um lugar. Crianças, idosos, famílias sobrecarregadas, agentes pastorais que, não raras vezes, experimentam o cansaço físico, emocional e espiritual de quem sustenta a vida comunitária com fidelidade silenciosa. A paz se constrói quando ninguém é invisível e quando o cuidado deixa de ser exceção para se tornar critério.

Vivemos, ao mesmo tempo, num mundo marcado por discursos cada vez mais agressivos e por uma normalização da violência simbólica. A comunidade cristã não pode reproduzir essa lógica. É chamada a ser sinal alternativo, não por ingenuidade, mas por fidelidade ao Evangelho. A verdadeira paz, recorda a tradição da Igreja, não se apoia no medo nem no equilíbrio das forças, mas na confiança, na justiça e na responsabilidade partilhada. Isso exige formação contínua, discernimento comunitário e coragem pastoral para ir além do imediato e do superficial.

Nesse sentido, o novo ano nos desafia a investir em processos que gerem paz. Formação que eduque para o diálogo e para o pensamento crítico. Ações sociais que unam serviço e dignidade, sem assistencialismo que reduz o outro à dependência, nem indiferença que normaliza a exclusão, mas orientadas pela promoção da dignidade humana. Liturgias que reconciliem, curem e devolvam esperança. Espaços de participação que sejam reais, onde a corresponsabilidade não seja apenas discurso, mas prática cotidiana. Tudo isso pede tempo, paciência e um coração desarmado, capaz de confiar mais na força do bem do que na eficácia do confronto.

Entramos neste novo ano como peregrinos de esperança, não como quem já chegou, mas como quem caminha, aprende, erra e recomeça, sustentados pela fé no Ressuscitado. Trata-se de uma esperança que não permanece no nível do discurso, mas se traduz em compromisso concreto, em escolhas diárias e em responsabilidade partilhada. A paz que Ele nos oferece não elimina os desafios, mas nos dá critérios para enfrentá-los com fidelidade ao Evangelho e coerência na vida pessoal e comunitária. Que este seja, para a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, um tempo de desarmamento interior, no qual o coração se liberte do ressentimento, a mente se afaste de rigidezes e preconceitos, e a palavra deixe de ferir para aprender a construir. Que a paz encontre morada entre nós e, habitando-nos, se torne caminho, testemunho e missão.

Pe. Rubens Sodré Miranda, CSS  
Pároco

## CATEQUESE PAROQUIAL, LUGAR ONDE A FÉ AMADURECE E TORNA-SE CAMINHO DE PERSEVERANÇA E COMPROMISSO

Encerrar um ano catequético é sempre mais do que concluir um calendário de atividades. É reconhecer um caminho percorrido com fidelidade, agradecer os frutos que amadureceram ao longo do tempo e renovar a consciência de uma missão que se sustenta na perseverança cotidiana. O encerramento da catequese paroquial foi vivido nesse horizonte mais profundo, como tempo de memória agradecida, de avaliação serena e de renovação do compromisso com o anúncio do Evangelho.



Ao longo deste ano, a catequese da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges desenvolveu um itinerário formativo consistente, enraizado na Palavra de Deus e atento aos desafios da iniciação à vida cristã. Em seus diversos segmentos, os encontros semanais foram iluminados pela escuta, pelo estudo e pela meditação das Escrituras. A Palavra foi proclamada, acolhida e aprofundada como fonte que orienta a vida, educa a fé e sustenta o processo de amadurecimento cristão, tanto dos catequizandos quanto dos próprios catequistas.

Esse trabalho paciente envolveu mais de novecentos catequizandos, acompanhados por quase uma centena de catequistas. Homens e mulheres que, semana após semana, assumiram com responsabilidade e constância o ministério de transmitir a fé. Não se trata de um serviço ocasional,



mas de um compromisso perseverante, vivido no silêncio da preparação, na fidelidade aos encontros e na disposição de caminhar com os catequizandos em suas alegrias, dúvidas e fragilidades. É nesse exercício cotidiano que a fé amadurece e se torna testemunho.

Ao longo do ano, esse caminho formativo foi enriquecido também pela participação dos pais, que em diversos encontros puderam acompanhar mais de perto o processo de amadurecimento na fé vivido por seus filhos. Seja na preparação para receber o Sacramento da Eucaristia, seja no itinerário daqueles que se preparam para receber o Sacramento da Crisma, a presença das famílias revelou-se elemento fundamental da iniciação cristã. A catequese, assim, ultrapassa o espaço do encontro semanal e alcança o cotidiano da vida familiar, fortalecendo vínculos e favorecendo uma experiência de fé partilhada entre gerações.

Muitos desses momentos formativos, marcados pelo caráter celebrativo e enraizados em processos de acompanhamento desenvolvidos ao longo do ano, foram partilhados e registrados na Revista Digital A Caminho de Emaús, tornando-se parte da memória viva da caminhada catequética da paróquia. Ao narrar experiências, iluminar caminhos e valorizar o trabalho generoso dos catequistas, a revista ajudou a comunidade a reconhecer a catequese não apenas como preparação sacramental, mas como verdadeiro itinerário de amadurecimento da fé, vivido em comunhão com a Igreja e inserido na dinâmica pastoral da paróquia.



Essa leitura atenta do caminho percorrido permitiu também discernir novos passos a serem dados. Além da formação bíblica, que permaneceu como eixo permanente em todos os segmentos da catequese, iniciou-se ao longo do ano o estudo de módulos da História da Igreja, oferecendo aos catequistas uma compreensão mais ampla da identidade e da missão eclesial. Esse aprofundamento favoreceu uma visão mais integrada da fé, ajudando a situar a experiência catequética no grande percurso da tradição cristã e fortalecendo o compromisso de anunciar o Evangelho com consciência, pertença e responsabilidade.

O encerramento do ano catequético encontrou uma de suas expressões mais significativas no Concerto de Natal, vivido como síntese entre fé, arte e formação. A música, colocada a serviço do mistério celebrado, ajudou a comunidade a contemplar o Natal não apenas como data, mas como acontecimento de salvação que atravessa a vida e a história. O concerto tornou-se espaço de comunhão e anúncio, no qual a beleza conduziu à escuta, à gratidão e à renovação do compromisso catequético.

Nesse clima de gratidão e comunhão, a confraternização dos catequistas tornou-se também espaço de profunda espiritualidade. Um gesto simples, vivido nesse encontro fraterno, ajudou a traduzir o sentido do ministério catequético ao longo do ano. A imagem da luz partilhada recordou que ninguém ilumina sozinho. A pequena chama de cada catequista, unida às outras, tornou-se capaz de clarear caminhos e dissipar sombras. A luz, que vem de Cristo, multiplica-se quando é acolhida, cuidada e transmitida com humildade, perseverança e espírito de comunhão.

O ano catequético encerra-se, assim, com uma consciência

mais madura da missão. A catequese não se reduz a métodos ou conteúdos, mas se constrói na fidelidade ao tempo, na formação contínua e no compromisso assumido com a comunidade e com a Igreja. A perseverança dos catequistas, sustentada pela Palavra e pela vida comunitária, torna-se sinal eloquente de uma fé que não se cansa de anunciar, acompanhar e formar.

Ao concluir este ano, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges reconhece com gratidão o empenho generoso de cada catequista, bem como a confiança com que as famílias acompanharam o caminho catequético de seus filhos. Entre desafios e conquistas, permanece viva a certeza de que a catequese, quando vivida como caminho de fé amadurecida e compromisso perseverante, torna-se espaço privilegiado de encontro com Cristo e com a sua Palavra. À luz do Natal que se aproxima, essa caminhada é novamente iluminada pelo Deus que se faz próximo e pequeno. Que a alegria da Encarnação renove o ardor catequético e sustente, no novo ano, a fidelidade, a esperança e o compromisso colocados a serviço do Reino.

## LEI ESTADUAL FORTALECE A ASSISTÊNCIA RELIGIOSA NOS HOSPITAIS DE GOIÁS

A Assembleia Legislativa do Estado de Goiás aprovou a Lei nº 23.905/2025, posteriormente sancionada pelo Governador do Estado no dia 2 de dezembro, que passa a orientar e garantir a assistência religiosa em unidades hospitalares públicas e privadas em todo o território goiano. Trata-se de um passo significativo no reconhecimento do direito à liberdade religiosa e ao acompanhamento espiritual, especialmente em contextos de enfermidade, fragilidade e sofrimento, nos quais a fé se torna fonte de consolo, sentido e esperança.



A nova legislação estabelece diretrizes claras para o acesso de ministros religiosos aos ambientes hospitalares, assegurando que pacientes, familiares e profissionais de saúde possam contar com acompanhamento espiritual conforme sua tradição religiosa. Mais do que um dispositivo normativo, a

lei reconhece que o cuidado integral da pessoa humana não se limita ao tratamento clínico, mas envolve também sua dimensão espiritual, afetiva e existencial. O hospital, assim, é reconhecido não apenas como espaço terapêutico, mas como lugar onde a vida, em suas vulnerabilidades, merece ser acompanhada com respeito e humanidade.

Para a vida da Igreja, a Lei nº 23.905/2025 traz implicações práticas muito concretas. Padres, Diáconos e Ministros Extraordinários da Sagrada Comunhão passam a contar com um respaldo legal mais explícito para o exercício da assistência religiosa em hospitais, sempre em diálogo com as normas sanitárias e os protocolos institucionais. A presença pastoral deixa de depender de concessões ocasionais e passa a ser reconhecida como expressão de um direito do paciente, que pode solicitar livremente o acompanhamento espiritual de sua fé.

A legislação também contribui para maior clareza na relação entre instituições hospitalares e comunidades religiosas. Ao definir critérios e responsabilidades, a lei ajuda a evitar improvisações, desencontros ou interpretações arbitrárias que, em algumas situações, dificultavam o acesso dos ministros religiosos aos leitos hospitalares. Ganha-se, assim, em segurança jurídica, organização e respeito mútuo, favorecendo um ambiente de cooperação em benefício daqueles que mais necessitam de cuidado integral.

Outro aspecto relevante é o caráter inclusivo da lei. A assistência religiosa não se restringe a uma única confissão. A



norma vale para todas as denominações religiosas, reafirmando o princípio da liberdade de crença e o respeito à pluralidade religiosa presente na sociedade goiana. Em um contexto marcado pela diversidade, a lei favorece o diálogo, a convivência respeitosa e o reconhecimento recíproco entre diferentes tradições de fé, especialmente em espaços sensíveis como os hospitais.

Por isso, é importante que essa legislação seja amplamente conhecida e divulgada. Padres, Diáconos, Ministros Extraordinários da Sagrada Comunhão e agentes pastorais são chamados a conhecer o conteúdo da lei, não apenas para exercer sua missão com maior segurança, mas também para orientar corretamente os fiéis e dialogar de forma serena e qualificada com as equipes hospitalares. O conhecimento

da lei torna-se instrumento de responsabilidade pastoral e de serviço à dignidade humana.

Nos próximos meses, a União dos Juristas Católicos de Goiânia elaborará uma cartilha de orientação, destinada tanto aos profissionais da saúde quanto aos agentes religiosos. Esse material ajudará a traduzir a lei em práticas concretas, oferecendo esclarecimentos sobre direitos, deveres e procedimentos adequados para o seu cumprimento. A iniciativa contribuirá para que a legislação não permaneça apenas no plano formal, mas se torne efetivamente vivida no cotidiano das instituições hospitalares.

A Lei nº 23.905/2025 recorda que o cuidado com a vida humana é inseparável do cuidado com sua dignidade. Em momentos de dor, enfermidade ou finitude, a presença espiritual da Igreja e das comunidades religiosas se torna sinal de proximidade, escuta e esperança. Ao garantir esse direito, o Estado reconhece que a fé, vivida com responsabilidade, é também um serviço ao bem comum.

Que esta nova legislação seja acolhida com sabedoria e aplicada com sensibilidade, favorecendo uma presença religiosa discreta, respeitosa e profundamente humana junto àqueles que mais necessitam. Que o acompanhamento espiritual, amparado agora por um instrumento normativo claro, continue sendo expressão de cuidado, consolo e esperança, iluminando os caminhos da vida mesmo nos momentos mais frágeis.

## ASSOCIAÇÃO POLIVALENTE SÃO JOSÉ E EMPRESÁRIOS CRISTÃOS CELEBRAM A FÉ NO MUNDO DO TRABALHO

No dia 4 de dezembro, a fé encontrou expressão concreta no mundo do trabalho por meio da celebração da Santa Missa realizada na sede da Nicoli Sociedade de Advogados, em Goiânia. A celebração integrou o programa Missa nas Empresas, promovido pela Associação dos Dirigentes Cristãos de Empresas (ADCE), iniciativa que busca favorecer o encontro entre fé, ética e vida profissional, levando a presença da Igreja aos ambientes empresariais e reafirmando que o trabalho também é lugar de testemunho cristão.



A celebração contou com a presença de aproximadamente cinquenta empresários da cidade, reunidos num clima de oração, escuta da Palavra e fraternidade. O ambiente corporativo transformou-se, naquele momento, em espaço litúrgico, recordando que a fé não se restringe aos templos, mas atravessa a vida cotidiana, iluminando decisões, relações e responsabilidades sociais. A proposta da Associação dos Dirigentes Cristãos de Empresas evidencia esse compromisso ao incentivar empresários e dirigentes a viverem sua vocação cristã também no exercício da atividade econômica.

Representando a Associação Polivalente São José, estiveram presentes o presidente Reinaldo Barbosa Lima e sua esposa, a associada Maria Aparecida Carneiro de Oliveira. A participação da diretoria reforçou o vínculo institucional e eclesial entre a Associação, a Igreja e o mundo empresarial, sublinhando que a ação social da Associação Polivalente São José se sustenta em relações de confiança, corresponsabilidade e compromisso evangélico assumido de forma concreta.

A Associação Polivalente São José, vinculada à Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, tem como missão a promoção humana, educacional e social, especialmente



junto a crianças, adolescentes e famílias em situação de vulnerabilidade. Seus projetos educativos, culturais e formativos expressam uma compreensão da caridade como dimensão constitutiva da fé cristã, vivida em comunhão com a Igreja e aberta à colaboração de parceiros e benfeitores.

Nesse sentido, a celebração na Nicoli Sociedade de Advogados dá continuidade ao percurso já iniciado com a matéria publicada no número anterior da *Revista Digital A Caminho de Emaús*, que noticiou a visita dos sócios e colaboradores do escritório à sede da Associação Polivalente São José. Aquela visita permitiu conhecer de perto a realidade atendida e os frutos do trabalho desenvolvido. A Missa celebrada agora no espaço da empresa aparece como continuidade desse encontro, aprofundando o vínculo iniciado na visita e confirmando-o na oração e na comunhão.

A celebração foi enriquecida pela participação da Orquestra Profetas do Cerrado, projeto mantido pela Associação Polivalente São José. Após a Missa, a Orquestra apresentou seis músicas com temática religiosa, oferecendo aos participantes um momento de beleza e espiritualidade, que tocou profundamente os presentes e favoreceu uma experiência de encontro e contemplação.

A música, como linguagem universal, ajudou a traduzir em sensibilidade e arte aquilo que a liturgia havia semeado no silêncio da oração. Jovens e crianças, formados na convivência e na disciplina musical, tornaram-se protagonistas de uma experiência que une fé, cultura e inclusão, revelando o potencial transformador de iniciativas sustentadas pela solidariedade e pela responsabilidade social.



O programa Missa nas Empresas reafirma a importância de uma espiritualidade encarnada, capaz de dialogar com os desafios éticos do mundo empresarial. Ao reunir dirigentes cristãos em torno da Palavra e da Eucaristia, recorda-se que a fé ilumina também o exercício da liderança, a gestão de pessoas e o compromisso com o bem comum.

Celebrar a Missa num ambiente empresarial, com a presença de representantes da Associação Polivalente São José e de empresários cristãos comprometidos, manifesta uma Igreja que constrói pontes e reconhece no diálogo entre fé e vida social um caminho fecundo de evangelização. São encontros assim que fortalecem vínculos, despertam consciências e tornam visível uma fé que se traduz em gestos concretos de cuidado, partilha e responsabilidade social.

## ADORAÇÃO AO SANTÍSSIMO SACRAMENTO E ATENDIMENTO DE CONFISSÕES MARCAM A PRIMEIRA SEXTA-FEIRA DE DEZEMBRO

Na primeira sexta-feira de dezembro, dia 5, a Igreja Matriz da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges viveu uma noite de intensa participação. Após a Santa Missa vespertina, a comunidade permaneceu reunida para um momento de adoração e louvor ao Santíssimo Sacramento, com atendimento de confissões. A frequência foi muito boa, e o clima que se formou na igreja revelou, de maneira simples e eloquente, a sede de Deus que permanece viva no coração do povo.



Um traço que se destacou com clareza foi a presença marcadamente significativa da juventude paroquial. Não foi uma participação apenas de passagem. Muitos jovens permaneceram por longo tempo, com recolhimento, atenção e disponibilidade interior, alternando canto e silêncio, e sustentando a atmosfera de oração com uma maturidade que edificou toda a assembleia. A comunidade pôde perceber que a juventude não está distante quando encontra espaços verdadeiros, onde a fé não é apenas falada, mas vivida.

A adoração, por si mesma, já possui uma linguagem própria. Diante do Santíssimo Sacramento exposto, a igreja foi sendo tomada por um silêncio que não era vazio, mas cheio de sentido, um silêncio que acolhe, organiza por dentro e devolve serenidade. O louvor, por sua vez, ajudou a dar voz a essa experiência, sem transformar a oração em espetáculo. Havia ali um ritmo de permanência, no qual cada pessoa encontrava seu modo de rezar, sem pressa, sem necessidade de se explicar, simplesmente permanecendo diante do Senhor.



O atendimento das confissões tornou-se um sinal concreto da fecundidade daquela noite. Cinco sacerdotes se colocaram à disposição e, ao longo das horas, o fluxo de pessoas foi contínuo. O atendimento se prolongou até depois da meia-noite, evidenciando não apenas o número de fiéis presentes, mas o desejo real de reconciliação. Foi um daqueles

momentos em que a comunidade percebe, com nitidez, que a misericórdia de Deus não é um conceito, ela se torna encontro, escuta, orientação e recomeço.

A procura pelo Sacramento da Reconciliação também revelou algo importante para a vida pastoral. Quando a Igreja oferece condições reais para que o povo se aproxime, com tempo e acolhida, muitos respondem com seriedade e humildade. A confissão, vivida com verdade, não é um gesto automático nem um rito apressado. Ela toca a consciência, ilumina escolhas, apazigua relações e devolve ao coração a alegria tranquila de quem foi alcançado pelo perdão.

A noite de adoração na primeira sexta-feira do mês, já consolidada na vida espiritual da paróquia, mostra-se cada vez mais como um espaço onde a fé comunitária se aprofunda. Não é um evento paralelo, mas uma continuidade natural da vida sacramental, uma forma concreta de colocar Cristo no centro e, a partir d'Ele, reorganizar a vida. A participação expressiva dos fiéis e, de modo especial, o testemunho da juventude, indicam um caminho pastoral fecundo, que merece cuidado, perseverança e acompanhamento atento.

Vivida tão perto do Natal, essa noite adquiriu ainda maior densidade espiritual. Preparar-se para acolher o mistério da Encarnação passa também por permitir que Deus nos toque onde somos mais frágeis, por abrir espaço para o perdão e por desejar uma vida mais reconciliada. A adoração e as confissões se tornaram, assim, um itinerário concreto de preparação, no qual o coração aprende a ser mais simples, mais disponível e mais verdadeiro.

Ao final, já com a madrugada avançando, permaneceu na igreja um sentimento discreto de gratidão. Não por algo extraordinário no sentido exterior, mas por aquilo que é essencial e, por isso mesmo, transformador. Houve presença, oração, serviço sacerdotal, juventude participando com vigor, e uma comunidade que decidiu ficar um pouco mais com o Senhor. E isso diz muito sobre o que somos e sobre o que desejamos continuar sendo.



## A IMACULADA CONCEIÇÃO E A MATURIDADE DE UM CAMINHO DE FÉ

A Solenidade da Imaculada Conceição de Maria, celebrada no dia 8 de dezembro, ocupa um lugar singular no coração da fé cristã. Não se trata apenas de uma devoção mariana, mas da contemplação de um mistério profundamente ligado ao desígnio salvífico de Deus. Ao professar que Maria foi concebida sem a mancha do pecado original, a Igreja reconhece que, desde o início, Deus preparou nela uma morada inteiramente disponível para a Encarnação do Verbo. A Imaculada não é exceção que afasta, mas sinal antecipado daquilo que Deus deseja realizar em toda a humanidade redimida.

A tradição teológica da Igreja, refletida no Catecismo da Igreja Católica, apresenta Maria como aquela que foi cumulada da graça divina por iniciativa absoluta de Deus. Nela, a graça não encontra resistência, e sua liberdade se manifesta plenamente orientada para o querer divino. Celebrar a Imaculada Conceição é, portanto, reconhecer que a santidade não nasce do esforço isolado, mas da resposta confiante à ação primeira de Deus, que precede e sustenta todo caminho cristão.



Também a disciplina da Igreja, expressa no Código de Direito Canônico ao reconhecer esta solenidade como dia santo de guarda, confirma a relevância desse mistério para a vida do povo de Deus. Ao estabelecer o preceito da celebração e do descanso, a Igreja recorda que certos momentos do ano litúrgico pedem uma atenção especial, capaz de recolocar no centro a iniciativa da graça e a resposta da fé. Trata-se menos de uma imposição jurídica e mais de uma pedagogia eclesial que educa o ritmo da vida cristã.

Na Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, essa solenidade foi vivida com intensidade e participação. Ao longo do dia, a comunidade se reuniu para a celebração da Eucaristia em diversos horários, possibilitando ampla participação dos fiéis. Cada celebração foi expressão de uma Igreja reunida em torno da Palavra e da Mesa, reconhecendo em Maria o ícone da escuta obediente e da fé vivida até as últimas consequências.

A Santa Missa das 11 horas assumiu um caráter particular ao ser concluída com a vivência da chamada Hora da Graça. Esse momento não foi apresentado como prática isolada ou automática, mas como tempo de oração consciente, recolhimento interior e intercessão confiante. A comunidade foi convidada a colocar diante de Deus suas intenções, desafios e esperanças, sob o olhar materno de Maria Imaculada, compreendendo que a graça recebida pede continuidade na vida cotidiana.

No período da tarde, a celebração da Solenidade adquiriu ainda outra densidade espiritual. Na Santa Missa vespertina, cerca de oitenta paroquianos realizaram sua consagração a Nossa Senhora segundo o método de São Luís Maria Grignon de Montfort. Esse gesto foi vivido não como ponto de chegada fechado, mas como etapa que se conclui e, ao mesmo tempo, se abre para novas exigências na vida de fé.

A consagração mariana, compreendida à luz da fé da Igreja, não encerra a pessoa em si mesma nem a afasta do compromisso com o mundo. Ela orienta a vida para uma configuração mais profunda com Cristo. Consagrar-se a Maria é aprender com ela a dizer sim a Deus nas circunstâncias concretas da existência. É acolher interiormente aquela orientação decisiva pronunciada nas bodas de Caná, fazer aquilo que Jesus disser, permitindo que esse critério ilumine escolhas, atitudes e prioridades.



Por isso, essa consagração ganha uma nova densidade quando compreendida como impulso missionário. Ela se traduz em participação mais ativa na vida da Igreja, em disponibilidade para o serviço, em testemunho de fé coerente e em compromisso efetivo com a justiça social. Quem se consagra a Maria assume, com ela, a disposição de estar atento às necessidades humanas e espirituais do seu tempo, deixando que a fé se torne presença responsável no mundo. Celebrar a Imaculada Conceição, viver a Hora da Graça e assumir a consagração mariana no mesmo dia revelou à comunidade paroquial uma pedagogia espiritual clara. A graça precede, a resposta amadurece e a missão se desdobra.



Maria, concebida sem pecado, não é apenas objeto de veneração, mas companheira de caminho, que educa a fé e orienta a vida para Cristo.

Assim, o dia 8 de dezembro foi vivido não apenas como memória litúrgica, mas como experiência eclesial significativa. Uma experiência que recorda à comunidade que a santidade é dom, que a consagração é caminho e que a fé, quando vivida com autenticidade, se transforma em compromisso concreto com Deus, com a Igreja e com a transformação da realidade.

## GOIÂNIA CELEBRA OS 60 ANOS DO CONCÍLIO VATICANO II COMO CAMINHO DE ESPERANÇA PARA A IGREJA

Entre 1962 e 1965, a Igreja Católica viveu um dos momentos mais decisivos de sua história recente com a realização do Concílio Vaticano II. Convocado pelo Papa São João XXIII, o Concílio nasceu do desejo de renovar a Igreja para que ela pudesse anunciar o Evangelho com maior fidelidade e proximidade ao mundo contemporâneo. Não se tratava de mudar a fé, mas de renovar a forma de vivê-la, comunicá-la e testemunhá-la em diálogo com os sinais dos tempos.

São João XXIII abriu solenemente o Concílio no dia 11 de outubro de 1962, convocando bispos do mundo inteiro a um grande exercício de escuta do Espírito Santo. Seu pontificado, marcado pela simplicidade e pela confiança na ação de Deus na história, lançou as bases de um processo que ele mesmo não veria concluído. Após sua morte, em 1963, coube ao Papa São Paulo VI a missão de conduzir o Concílio até o fim, garantindo sua continuidade e aprofundando suas intuições fundamentais.



Ao longo de quatro sessões conciliares, o Vaticano II produziu documentos que marcaram profundamente a vida da Igreja, entre eles as Constituições sobre a liturgia, a Igreja, a Palavra de Deus e a relação da Igreja com o mundo. O Concílio reafirmou a centralidade da Palavra, renovou a participação do povo de Deus na liturgia, fortaleceu a consciência da Igreja como comunhão e destacou a corresponsabilidade de todos os batizados na missão evangelizadora.

O impacto do Concílio Vaticano II ultrapassou os limites do

período em que foi celebrado. Ele inaugurou uma nova atitude eclesial, marcada pelo diálogo, pela abertura ao mundo, pela valorização dos leigos e pela compreensão da Igreja como povo de Deus em caminho. Sessenta anos depois de seu encerramento, suas intuições continuam a iluminar a vida pastoral, a formação cristã e o compromisso missionário da Igreja em diferentes contextos culturais e sociais.



Foi nesse horizonte de memória viva e esperança renovada que Goiânia acolheu o Congresso Internacional “Concílio Vaticano II: 60 anos a caminho da esperança”, realizado entre os dias 8 e 10 de dezembro de 2025. O encontro reuniu bispos, teólogos, agentes de pastoral, religiosos e leigos comprometidos com a vida da Igreja, oferecendo um espaço de reflexão, celebração e discernimento sobre a atualidade do Concílio.

Mais do que uma comemoração histórica, o Congresso propôs um retorno consciente às fontes do Vaticano II, entendendo-o como um processo em contínua recepção. As reflexões ajudaram a perceber que o Concílio não pertence ao passado, mas continua a provocar a Igreja a renovar suas linguagens, fortalecer sua dimensão sinodal e aprofundar sua presença missionária no mundo de hoje.

A abertura do Congresso foi marcada por uma celebração eucarística carregada de significado, recordando que o Concílio nasceu da oração e só pode ser compreendido à luz da fé. A liturgia expressou com clareza a imagem de Igreja desejada pelo Vaticano II, uma Igreja que caminha unida, escuta a Palavra, celebra os sacramentos e se coloca a serviço da humanidade.



Ao longo dos dias, conferências e momentos de partilha retomaram as grandes intuições conciliares, relacionando-as com os desafios atuais da evangelização, da formação pastoral e da vivência comunitária. A sinodalidade, tema tão presente na vida eclesial contemporânea, apareceu como herança direta do Concílio e como caminho necessário para o futuro da Igreja.

O Congresso evidenciou ainda a importância do diálogo entre fé e pensamento, mostrando como a reflexão teológica, quando enraizada na vida da Igreja, se torna serviço à missão. A parceria entre a Arquidiocese de Goiânia, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e a Pontifícia Universidade Católica de Goiás reforçou essa convicção, valorizando o encontro entre saber acadêmico, experiência pastoral e vida eclesial concreta.

Ao recordar os sessenta anos do Concílio Vaticano II, a Igreja em Goiânia não apenas olhou para trás com gratidão, mas se projetou para frente com responsabilidade e esperança. O Congresso foi um convite a renovar o compromisso com uma Igreja fiel ao Evangelho, aberta ao diálogo, sensível às dores do mundo e disposta a caminhar junto com a humanidade.

Assim, a memória do Concílio se tornou também profecia. Profecia de uma Igreja que continua em saída, guiada pelo Espírito Santo, chamada a anunciar Cristo com alegria, humildade e coragem, ontem, hoje e sempre.

## PASTORAL SOCIAL CELEBRA O NATAL EM CONFRATERNIZAÇÃO MARCADA PELO ENCONTRO E PELA PARTILHA

O Natal ocupa um lugar único na experiência cristã porque nele celebramos o movimento decisivo de Deus em direção à humanidade. O céu não permanece distante, ele se inclina sobre a terra. O Verbo não fala de longe, ele assume a carne, entra na história, partilha a condição humana e escolhe habitar as fragilidades do mundo. A Encarnação não é apenas um dogma a ser professado, mas um critério para compreender a própria missão da Igreja. Se Deus vem ao encontro do ser humano, a fé cristã só se torna autêntica quando também se faz encontro, presença e proximidade concreta.



É à luz desse mistério que se compreende o sentido profundo da Pastoral Social na vida da Igreja. O capítulo 25 do Evangelho de São Mateus não deixa espaço para ambiguidades. Jesus se identifica com os famintos, os sedentos, os nus, os doentes e os marginalizados. O critério último não será a palavra proclamada, mas a vida partilhada. A

Pastoral Social nasce dessa escuta obediente do Evangelho e se estrutura como resposta concreta à presença de Cristo nos irmãos necessitados. Não se trata de filantropia, mas de fidelidade ao modo como Deus escolheu entrar na história.



Na Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, essa compreensão se traduz na ação articulada da Pastoral de Rua, do Projeto Dom de Amar, da Conferência Vicentina Santa Edwiges, do Projeto Banho Solidário e do Projeto Menino Jesus. Cada iniciativa possui sua identidade própria, seu ritmo e sua forma de atuação, mas todas convergem para o mesmo horizonte evangélico. Juntas, expressam uma Igreja que não se limita a observar as dores da cidade, mas se deixa afetar por elas e assume a responsabilidade de caminhar junto.

Foi nesse espírito que, na sexta-feira, 12 de dezembro, essas pastorais e projetos se reuniram para a confraternização natalina da Pastoral Social. O encontro aconteceu como expressão de comunhão, não como simples encerramento de

atividades. Um delicioso jantar foi compartilhado, acompanhado por música ao vivo, criando um ambiente marcado pela alegria serena, pela convivência fraterna e pelo reconhecimento mútuo. Ali, a mesa não foi apenas lugar de refeição, mas sinal de pertença e igualdade, onde todos puderam se sentir acolhidos.

A importância desse encontro vai além do momento vivido. Em meio às exigências do serviço cotidiano, a confraternização se torna espaço necessário de respiro, de escuta e de fortalecimento dos vínculos. Celebrar juntos o Natal é recordar que a missão não se sustenta apenas pelo esforço, mas também pela comunhão. Assim como Deus quis precisar de Maria, de José e de uma família concreta para entrar no mundo, também a ação pastoral precisa de relações humanas verdadeiras para permanecer fecunda.

A Encarnação ensina que Deus não salva de fora, mas de dentro. Do mesmo modo, a caridade cristã não se exerce à distância, ela supõe presença, tempo compartilhado e convivência. A confraternização natalina da Pastoral Social tornou visível essa lógica evangélica. Ao reunir aqueles que servem, a Igreja reconhece que também eles precisam ser apoiados, fortalecidos e confirmados em sua vocação. O encontro, nesse sentido, não é acessório, mas parte integrante da missão.

A Paróquia Nossa Senhora aparecida e Santa Edwiges expressa, com profunda gratidão, seu reconhecimento a



todos os membros da Pastoral de Rua, do Projeto Dom de Amar, da Conferência Vicentina Santa Edwiges, do Projeto Banho Solidário e do Projeto Menino Jesus. O empenho, a dedicação e a generosidade de cada um constituem um testemunho silencioso e eficaz do Evangelho vivido. São gestos que não ocupam manchetes, mas transformam vidas e humanizam a cidade.

Que essa confraternização, celebrada no tempo do Natal, renove em todos a certeza de que o céu continua visitando a terra sempre que a fé se traduz em presença, serviço e comunhão. E que a Pastoral Social siga sendo, no coração da cidade, sinal concreto de uma Igreja que reconhece Cristo nos pobres e, ao reconhecê-lo, aprende continuamente a amar como Ele amou.

## A ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA APRESENTA AS DIRETRIZES PARA A INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

No dia 13 de dezembro, no Centro Pastoral Dom Fernando, a Arquidiocese de Goiânia apresentou oficialmente as Diretrizes Arquidiocesanas para a Iniciação à Vida Cristã, num encontro que marcou um passo decisivo no caminho de renovação pastoral da Igreja local. O evento reuniu comunidades paroquiais, bispos, catequistas, agentes pastorais, diáconos e os diversos organismos de serviço da Arquidiocese, evidenciando que a Iniciação à Vida Cristã não é uma tarefa restrita a um setor específico, mas uma responsabilidade compartilhada, que envolve toda a vida eclesial. Mais do que a apresentação de um texto normativo, o encontro expressou uma escolha pastoral amadurecida, fruto de escuta, discernimento e comunhão, que busca responder com fidelidade aos desafios da evangelização no tempo presente.

Na Apresentação das Diretrizes, Dom João Justino de Medeiros Silva situa com clareza o alcance e a finalidade do documento. Ele recorda que a missão de iniciar na fé não se limita à preparação para sacramentos, mas consiste em introduzir progressivamente a pessoa no mistério de Cristo e na vida da Igreja. A Iniciação à Vida Cristã é compreendida como um processo que envolve anúncio, acompanhamento, celebração e envio, no qual a comunidade

assume papel decisivo. O arcebispo sublinha que todos os que já foram iniciados são chamados a despertar a fé nos outros, tornando-se testemunhas vivas do Evangelho no cotidiano, e convida especialmente os párocos a assumirem com zelo pastoral a implementação das Diretrizes em suas comunidades.



O documento deixa claro que as Diretrizes entram em vigor a partir de sua publicação e que sua recepção não será medida por resultados imediatos ou estatísticas apressadas. Prevê-se um processo contínuo de acompanhamento, com avaliações periódicas e uma avaliação mais ampla ao final de cinco anos. Essa perspectiva revela uma compreensão realista da mudança proposta, reconhecendo que a Iniciação à Vida Cristã exige tempo, paciência e perseverança. O Setor Arquidiocesano para a Catequese assume a tarefa de oferecer formação permanente, ajudando as comunidades a assimilarem o conteúdo e o espírito do documento, de modo progressivo e responsável.



Na Introdução, as Diretrizes são inseridas no horizonte mais amplo da caminhada da Igreja no Brasil, que tem redescoberto a inspiração catecumenal como caminho privilegiado para a evangelização. A proposta retoma a experiência das primeiras comunidades cristãs, nas quais a fé era transmitida como experiência de encontro com Jesus Cristo, vivida em comunidade e celebrada na liturgia. A catequese é apresentada como processo mistagógico, profundamente enraizado na Palavra de Deus e no Mistério Pascal, capaz de integrar fé, vida e missão. Trata-se de formar cristãos que não apenas conheçam conteúdos, mas que vivam uma relação pessoal e comunitária com Cristo.

Um aspecto central das Diretrizes é a afirmação da unidade dos sacramentos da iniciação cristã. Batismo, Confirmação e Eucaristia são apresentados como um único caminho de fé, que introduz progressivamente a pessoa na vida cristã. Essa visão supera práticas fragmentadas, ainda comuns em muitas realidades pastorais, nas quais os sacramentos são tratados como metas isoladas. Ao recuperar a unidade da iniciação, a Igreja é convidada a repensar seus itinerários catequéticos e a favorecer uma inserção mais plena e consciente na vida comunitária e missionária.

As Diretrizes também oferecem uma leitura crítica de modelos catequéticos excessivamente escolarizados ou centrados apenas na preparação imediata para os sacramentos. Sem negar a importância do conteúdo doutrinal, o documento chama a atenção para a necessidade de integrar conhecimento, experiência, celebração e compromisso. Quando a catequese se limita a cumprir etapas, corre-se o risco de não gerar pertença nem continuidade na vida de fé. A Iniciação à Vida Cristã, ao contrário, propõe um processo que acompanha a pessoa, respeita seus ritmos e favorece uma adesão progressiva e consciente ao seguimento de Jesus.

Outro ponto fortemente destacado é o papel da comunidade como sujeito da iniciação. A fé não é transmitida apenas pelo catequista, mas pela comunidade inteira que acolhe, testemunha, celebra e acompanha. Nesse contexto, ganham relevo os ministérios ligados à iniciação e o papel dos padrinhos e madrinhas, chamados a ser referências de fé e de compromisso cristão. A comunidade deixa de ser mero espaço funcional e torna-se ambiente vital, no qual a fé é aprendida, partilhada e celebrada.

A apresentação das Diretrizes evidenciou ainda que a Iniciação à Vida Cristã interpela diretamente a organização pastoral das paróquias. Não se trata apenas de ajustar métodos ou materiais, mas de repensar estruturas, linguagens e práticas. A catequese é chamada a dialogar de forma mais orgânica com a liturgia, a pastoral familiar, a juventude, a ação social e a missão evangelizadora, tornando-se eixo articulador da vida pastoral. Essa integração exige discernimento comunitário e abertura para processos de conversão pastoral.



Ao final, fica claro que as Diretrizes Arquidiocesanas para a Iniciação à Vida Cristã não são um manual fechado, mas um convite a um caminho comum. Elas desafiam as paróquias a passarem de uma pastoral de manutenção para uma pastoral verdadeiramente centrada na iniciação à vida cristã e missionária. Trata-se de um tempo exigente, mas profundamente fecundo, no qual a Igreja é chamada a gerar discípulos que conheçam, celebrem e testemunhem a fé no coração do mundo. É nesse horizonte que a Arquidiocese de Goiânia se coloca, confiante de que o Espírito continua a conduzir a Igreja pelos caminhos da fidelidade e da renovação.

## QUANDO O NATAL SE FAZ PRESENÇA NA ASSOCIAÇÃO POLIVALENTE DE SÃO JOSÉ

O mês de dezembro, marcado pela espera do Natal, revelou-se para a Associação Polivalente São José um tempo particularmente fecundo. Não apenas pelo número de atividades realizadas, mas pela coerência entre elas e a missão que sustenta a existência da Associação. Cada gesto, cada encontro e cada iniciativa foram expressão concreta do compromisso estatutário de promover a dignidade humana, fortalecer vínculos e cultivar a vida em suas diversas fases, sempre à luz dos valores evangélicos que inspiram sua atuação.



No dia 4 de dezembro, a Orquestra Profetas do Cerrado levou a música do Natal à Residência – Hotelaria especializada em idosos, situada na Vila Jardim Vitória, em Goiânia. A apresentação reuniu cerca de vinte idosos internos, alguns familiares e funcionários da instituição. Em meio a olhares atentos e sorrisos discretos, a música tornou-se linguagem de proximidade e cuidado, alcançando aqueles que muitas vezes vivem o tempo de forma mais silenciosa. Ali, o Natal se fez presença respeitosa, capaz de atravessar a fragilidade com delicadeza e humanidade.

Ainda no dia 4 de dezembro, a quadra da Associação Polivalente São José acolheu um momento de formação e escuta promovido pelo Grupo Maná. Cerca de vinte e cinco participantes participaram de palestras seguidas de roda de conversa, conduzidas pelas psicólogas Angelina Emiliano e Cintia Ramos. O encontro abordou o tema “Família é cuidar do presente para contribuir com o futuro”, oferecendo não apenas conteúdos, mas espaço para partilha de experiências, dúvidas e aprendizados. Cuidar da família, nesse contexto, revelou-se também um modo concreto de preparar o Natal no cotidiano da vida.



No dia 5 de dezembro, a Associação viveu um de seus momentos mais emblemáticos do ano com a realização do 4º Recital de Natal da APSJ. Aproximadamente oitenta

crianças e adolescentes e vinte idosos apresentaram músicas natalinas na quadra da Associação, diante de cerca de setenta familiares que vieram prestigiar o evento. A Orquestra Profetas do Cerrado posicionou-se na entrada da quadra, acolhendo os convidados com música e criando, desde a chegada, um clima de festa e comunhão. Ao longo da apresentação, vozes, instrumentos e histórias se entrelaçaram, revelando que o Natal se aprende e se celebra também no encontro entre gerações.



O dia 7 de dezembro levou a Associação Polivalente São José a outro espaço da cidade. Sessenta e três crianças e adolescentes, acompanhados de seus familiares e de oito colaboradores da Associação, participaram do Natal do Bem, promovido pela Organização das Voluntárias de Goiás, no Goiânia Arena. Para muitos, foi a oportunidade de vivenciar um Natal ampliado, partilhado com outras realidades e iniciativas solidárias. A presença da Associação nesse evento reafirma sua abertura à parceria e à integração com organismos que, cada um à sua maneira, trabalham pela promoção da vida e da esperança.



Já no dia 12 de dezembro, a Associação Polivalente São José promoveu sua Confraternização de Natal, reunindo cerca de setenta crianças e adolescentes do Projeto Profetas do Cerrado e vinte idosos do Grupo Vivendo a Melhor Idade. O espaço da Associação transformou-se em lugar de festa simples e significativa. As crianças e adolescentes receberam presentes doados pelo Instituto Saga, que levou também o Papai Noel, e pelo casal Arcênio e Fernanda, associados da APSJ. Mochilas doadas pela empresa Big Star Atacadista

de Bolsas e Acessórios completaram os gestos de cuidado e atenção. Mais do que objetos, o que se partilhou foi tempo, presença e afeto.



O conjunto dessas atividades revela um mesmo horizonte. A Associação Polivalente São José cumpre sua missão não por meio de ações isoladas, mas por uma presença contínua e coerente, que atravessa diferentes públicos, espaços e linguagens. Crianças, adolescentes, idosos e famílias são alcançados por iniciativas que integram cultura, formação,

convivência e cuidado, sempre orientadas pelo princípio de que a promoção humana é inseparável do respeito à dignidade de cada pessoa.

Neste mês de dezembro, o Natal não foi apenas tema ou pano de fundo. Ele se fez prática concreta. Na música que consola, na palavra que orienta, no encontro que fortalece e na partilha que dignifica, a Associação deu testemunho de uma caridade que não é assistencialista nem episódica, mas comprometida, responsável e enraizada em valores que permanecem.

Assim, ao encerrar o ano, a Associação Polivalente São José reconhece, nas ações vividas ao longo deste mês de dezembro, não apenas a fidelidade a um Estatuto, mas a força inspiradora de uma missão que se renova. O Estatuto não é ponto de chegada, mas fonte que orienta e dá sentido; e o Natal, celebrado na música, no encontro e na partilha, reacende as motivações profundas que sustentam o cuidado com a vida. Entre gestos simples e encontros significativos, a Associação reafirma sua vocação de ser espaço onde a esperança ganha forma, a dignidade é preservada e o amor se traduz em presença concreta, hoje e ao longo de todo o ano.

## RIFA DO VEÍCULO HB20 MOBILIZA A COMUNIDADE E FORTALECE A MISSÃO

Ao longo de quase três meses, a rifa do veículo HB20 1.0 deixou de ser apenas uma iniciativa administrativa e tornou-se um verdadeiro exercício de comunhão. Em muitas mãos, em muitas conversas e em incontáveis gestos discretos, a paróquia viu pastorais, movimentos, grupos e famílias se envolverem com seriedade e espírito de pertença. Quando uma ação é assumida assim, ela ultrapassa o aspecto financeiro e revela algo mais profundo, a consciência de que a missão se sustenta com corresponsabilidade, confiança e participação real.



A adesão foi visível e se traduziu em múltiplos gestos, desde a colaboração silenciosa até a organização concreta que garantiu o bom andamento de tudo. Houve quem adquirisse bilhetes, quem ajudasse na divulgação, quem cuidasse da distribuição, quem oferecesse tempo e presença para que

a iniciativa acontecesse com serenidade e transparência. Essa rede de colaboração, construída no dia a dia, mostra que uma comunidade não se mede apenas pelo número de atividades que realiza, mas pela capacidade de caminhar junta quando é chamada a sustentar aquilo que é de todos.

O sorteio foi realizado pela Loteria Federal no dia 13 de dezembro, garantindo um critério público e objetivo. O bilhete contemplado correspondeu ao 1º prêmio, com o número sorteado 93803, e a ganhadora foi a Sra. Juliana Ferreira. A ela, nossa saudação e nossas felicitações, pois a rifa, além de mobilizar a comunidade, também gera este momento legítimo de contentamento e gratidão, no qual a providência de Deus se manifesta de modo concreto na vida de uma pessoa.



A finalidade desta rifa foi igualmente clara. Os recursos obtidos contribuem para as obras que vêm sendo realizadas no subsolo da igreja, um conjunto de melhorias importantes, com beleza arquitetônica e grande utilidade pastoral. São espaços pensados para acolher melhor as pastorais, os grupos, os movimentos e os projetos, oferecendo condições mais dignas e funcionais para a vida comunitária. Quando a comunidade investe nesses lugares, ela investe, na prática, na evangelização, no cuidado com as pessoas e na continuidade da missão.

Por isso, esta iniciativa se torna também uma pequena parábola do que somos chamados a viver. A fé se expressa em oração, mas se confirma em compromisso. A comunhão se celebra na liturgia, mas se torna visível quando cada um faz a sua parte com retidão e espírito fraterno. Neste tempo do Natal, quando contemplamos Deus que se faz próximo, pequeno e confiado, a comunidade aprende de novo que a verdadeira grandeza do Evangelho nasce de gestos simples, perseverantes e concretos.



A todos que participaram, ajudaram, divulgaram e tornaram possível esta iniciativa, o nosso muito obrigado. Que Deus recompense generosamente cada gesto de colaboração e faça frutificar, em benefício de toda a comunidade, aquilo que foi realizado com espírito de unidade e serviço.

## COMUNHÃO, GRATIDÃO E SERVIÇO MARCAM AS CONFRATERNIZAÇÕES DESTE TEMPO DE NATAL

A edição de dezembro da Revista Digital A Caminho de Emaús registra encontros que marcaram o encerramento das atividades pastorais e ajudaram a comunidade a concluir o ano com serenidade e unidade. Em diferentes datas, pastorais, grupos e movimentos se reuniram para agradecer o caminho percorrido, fortalecer vínculos e reconhecer que a missão evangelizadora também se sustenta pelo cuidado com as pessoas e com as relações. Vividos no horizonte do Natal, esses momentos revelam uma maturidade pastoral que entende a comunhão como parte do serviço eclesial, não como simples complemento social.

Essas confraternizações expressaram algo essencial. A vida da Igreja não se organiza apenas por agendas e tarefas, mas pelo espírito com que cada serviço é realizado. Quando uma pastoral se senta à mesa, reza, recorda o ano, escuta as alegrias e os limites, ela não foge da missão, ela a aprofunda. Encerrar o ano assim prepara o próximo ciclo pastoral com maior clareza de propósito, mais fraternidade e sentido renovado de corresponsabilidade.

Na noite de 21 de novembro, a Pastoral do Dízimo realizou sua confraternização com a presença do Pe. Rubens e do Pe. Eriberto. O encontro foi marcado pela gratidão pelo serviço desenvolvido durante o ano e pelo reconhecimento do compromisso dos agentes com a corresponsabilidade na sustentação da ação evangelizadora da paróquia. Houve espaço para convivência fraterna e para a valorização de um trabalho que, embora discreto, é decisivo para a organização da vida comunitária e para a continuidade das ações pastorais.



A Pastoral do Dízimo tem a missão de despertar na comunidade a consciência da partilha e da pertença, ajudando os fiéis a compreenderem que o dízimo é expressão de fé e compromisso com a missão da Igreja. A confraternização reforçou esse sentido, reconheceu o empenho dos agentes e recordou que a generosidade educada e perseverante sustenta muito mais do que despesas. Ela sustenta processos, vínculos e a possibilidade concreta de evangelizar com estabilidade e responsabilidade.

No dia 26 de novembro, foi a vez das Mães Mônica concluir o ano com um encontro de oração e fraternidade, celebrado com Santa Missa e, em seguida, confraternização. O grupo reúne mães e famílias que, inspiradas em Santa Mônica, assumem a intercessão perseverante como forma concreta de amar, acompanhando espiritualmente os filhos e confiando a Deus aquilo que, muitas vezes, a palavra já não alcança. É um apostolado silencioso, paciente e profundamente eclesial, que ensina a esperar sem endurecer o coração e a permanecer fiel mesmo quando o caminho exige lágrimas e longa constância.



Esse encontro foi vivido como oportunidade de fortalecer laços e responsabilidades com a paróquia. A presença da psicóloga Maria Raquel colaborou para que o momento, sem perder o tom de fé, favorecesse também interioridade, escuta e amadurecimento. Entre as dinâmicas propostas, destacou-se a chamada árvore do crescimento, retomando três pilares que iluminam o itinerário espiritual do grupo, fé, confiança e perseverança, no mesmo horizonte de Santa Mônica. Foi um encerramento simples e fecundo, com oração, alegria e aquela leveza que nasce quando a comunhão é verdadeira.

No dia 6 de dezembro, os Ministros Extraordinários da Sagrada Comunhão realizaram sua confraternização com a presença do Pe. Rubens e do Pe. Eriberto. O encontro destacou a importância desse ministério, que se estende da celebração litúrgica ao cuidado pastoral com doentes e idosos, levando a Eucaristia como sinal de proximidade, consolo e comunhão. Foi também ocasião para reconhecer a disponibilidade e o senso eclesial exigidos por esse serviço.



Nessa mesma direção, reafirmou-se que a comunhão eucarística celebrada na liturgia se prolonga no cuidado com os mais frágeis e na atenção pastoral às pessoas que não conseguem participar presencialmente das celebrações. Cuidar também dos vínculos entre os ministros, e da unidade com a comunidade, é parte do zelo pelo mistério que se serve. Uma pastoral que se estima e se apoia sustenta melhor a missão que recebeu.

No dia 13 de dezembro, a Pastoral Familiar realizou o último encontro de seus agentes, em clima de confraternização, com a presença do Pe. Eriberto. Antes do momento festivo, os participantes viveram a última espiritualização do ano, com oração, reflexão e partilha, tendo como referência o tema jubilar A Esperança não Decepciona (Rm 5,5). Esse momento permitiu reler o ano à luz da fé, identificar

desafios e reconhecer avanços no trabalho junto às famílias da comunidade, com sobriedade e gratidão.

O encontro incluiu também a avaliação das atividades desenvolvidas ao longo de 2025. Os agentes puderam constatar que praticamente todas as ações previstas foram realizadas, fortalecendo o trabalho de acolhimento, acompanhamento e evangelização das famílias. Ao final, a convivência simples e fraterna ajudou a renovar o ânimo e a manter viva a consciência de que a pastoral se faz tanto com planejamento quanto com presença.

Ainda no dia 13 de dezembro, os acólitos e coroinhas realizaram sua confraternização em uma chácara em Hidrolândia, com a presença do Pe. Rubens e a participação ativa dos pais. O encontro teve significado especial por marcar o encerramento da novena de Natal, vivida em casas de famílias, com reflexões sobre amor, união e caminho de santidade. Houve terço contemplando a vinda do Menino Jesus e ação de graças pelo ano vivido no serviço ao altar, evidenciando também o valor do acompanhamento familiar no processo formativo desse ministério.

No dia 17 de dezembro, a Pastoral da Liturgia realizou sua confraternização ao término do nono dia da novena de Natal, concluindo o caminho de preparação para a celebração do mistério da Encarnação. Na mesma ocasião, de forma antecipada, foram comemorados os 32 anos de ordenação sacerdotal do Pe. Eriberto. O encontro uniu oração, gratidão e reconhecimento pelo ministério sacerdotal e pelo serviço prestado na animação e organização da vida litúrgica da paróquia.



Nesse mesmo horizonte, a equipe dirigente do Encontro de Casais com Cristo promoveu sua confraternização com coordenações e colaboradores. Foi ocasião para agradecer o trabalho realizado, fortalecer vínculos e renovar a disponibilidade para a missão junto às famílias, com espírito de unidade e corresponsabilidade.

As confraternizações vividas neste tempo de Natal evidenciam uma dimensão essencial da caminhada comunitária. Ao agradecer o ano que se encerra, reconhecer o serviço prestado e cuidar dos vínculos entre seus membros, a paróquia fortalece as bases para continuar sua missão no ano que se inicia, com espírito de comunhão, gratidão e serviço, para que o Natal não seja apenas celebrado, mas prolongado em estilo de vida e em presença fraterna no cotidiano.

## ASSOCIAÇÃO POLIVALENTE SÃO JOSÉ PROMOVE BAZAR COM DOAÇÕES DA RECEITA FEDERAL

A Associação Polivalente São José segue cumprindo sua missão de promover acolhida qualificada, inclusão e dignidade por meio de ações concretas junto às famílias atendidas em seus dois Centros Sociais. Presente no Centro Social São José, no Parque Santa Cruz, e no Centro Social Santa Edwiges, no Setor Nova Suíça, a Associação desenvolve um trabalho contínuo nas áreas social, educativa e humana, tornando-se referência de compromisso e responsabilidade na vida da comunidade.



Nesse horizonte de serviço, a parceria com a Receita Federal assumiu especial relevância. A doação de diversos objetos à Associação Polivalente São José possibilitou a realização de um bazar beneficente, organizado com transparência e senso de corresponsabilidade, no Centro Pastoral Santa Edwiges, nos dias 20 e 21 de dezembro. A iniciativa teve como objetivo transformar os itens recebidos em recursos financeiros destinados a sustentar e fortalecer as atividades e os projetos sociais desenvolvidos ao longo do ano.

O bazar contou com expressiva participação da comunidade, que acolheu a proposta com generosidade e espírito solidário. Cada aquisição realizada representou mais do que uma simples compra, foi um gesto concreto de apoio à missão da Associação e de compromisso com a continuidade do trabalho realizado junto às crianças, adolescentes, famílias e pessoas em situação de vulnerabilidade atendidas pelos Centros Sociais.

Toda a renda arrecadada será integralmente destinada à manutenção das atividades da Associação Polivalente São José, contribuindo para garantir a qualidade do atendimento, a sustentabilidade dos projetos e a fidelidade à missão assumida. A iniciativa evidenciou como a colaboração



entre instituições públicas, entidades sociais e a comunidade gera frutos concretos em favor do bem comum.



A Associação Polivalente São José expressa seu sincero agradecimento à Receita Federal, pela doação realizada e pela confiança depositada, e a todos que participaram do bazar, seja colaborando na organização, seja contribuindo de forma solidária. Gestos como esse reforçam a convicção de que a solidariedade, quando bem-organizada, se transforma em ação eficaz e em esperança concreta para muitas famílias.

Assim, a APSJ segue avançando em sua missão, unindo responsabilidade social, transparência e compromisso com a vida, tornando visível, no cotidiano da cidade, uma presença que acolhe, educa e transforma.

## GESTOS QUE ATRAVESSAM O ANO E DESÁGUAM NO NATAL

Os gestos que atravessam o ano e deságuam no Natal não brotam do imprevisto nem de ações isoladas. Eles nascem de uma convicção pastoral amadurecida, segundo a qual a fé cristã precisa dialogar com a realidade concreta das pessoas e assumir responsabilidades diante dela. Trata-se de um modo de viver a missão que integra escuta, presença e resposta organizada. O Natal, nesse horizonte, não inaugura o caminho, mas o revela em sua plenitude, como ponto de chegada de uma fidelidade construída no tempo.

A vida paroquial manifesta sua verdade mais profunda quando a fé se traduz em proximidade com as pessoas, especialmente com aquelas que enfrentam situações de vulnerabilidade social, física ou existencial. Ao longo do ano, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges tem buscado viver esse compromisso de forma integrada, articulando iniciativas na área da saúde, da caridade organizada e da convivência fraterna. As ações realizadas no mês de dezembro expressam essa mesma lógica pastoral e aconteceram na Tenda das Padroeiras, instalada ao lado da Igreja Matriz, espaço que se consolidou como lugar de encontro entre a comunidade e as realidades mais sensíveis do território paroquial.

Nesse contexto se insere o atendimento de acupuntura realizado no sábado, 6 de dezembro. A iniciativa acolheu pessoas da comunidade que buscavam alívio para dores físicas, tensões emocionais e desequilíbrios que interferem diretamente na qualidade de vida. Ao abrir a Tenda das Padroeiras para essa prática terapêutica reconhecida, a paróquia reafirmou que a atenção à saúde integra a sua missão evangelizadora e que o corpo, longe de ser um elemento secundário, é lugar concreto onde a vida se expressa e precisa ser cuidada com responsabilidade.



O atendimento de acupuntura não foi um gesto isolado, mas expressão de uma compreensão madura da pastoral social. Ele aponta para uma escolha que vai além da emergência e investe em ações preventivas e integradoras, capazes de favorecer maior equilíbrio e bem-estar. Quando a Igreja se

aproxima das fragilidades humanas com seriedade e respeito, ela se torna sinal concreto daquele Reino anunciado por Jesus, no qual a vida, em todas as suas dimensões, é colocada no centro.

Na mesma linha de fidelidade cotidiana, a ação da Conferência Vicentina Santa Edwiges, realizada no sábado, 20 de dezembro, manifestou a força de uma presença constante e comprometida. A entrega de cestas básicas às famílias acompanhadas, ampliada ao longo do mês com a distribuição de brinquedos e panetones, foi expressão de uma caridade que conhece nomes, histórias e contextos. Não se tratou apenas de suprir necessidades imediatas, mas de sustentar vínculos construídos com perseverança ao longo do tempo.

A atuação da Conferência Vicentina Santa Edwiges constituiu um dos pilares silenciosos da vida paroquial. Por meio das visitas, do acompanhamento regular e da proximidade com as famílias, torna-se visível uma Igreja que não se distancia da realidade, mas caminha junto com discrição e constância. A ação natalina realizada na Tenda das Padroeiras foi expressão coerente dessa caminhada e encontrou no tempo do Natal um momento privilegiado de partilha e comunhão.



O terceiro momento desse percurso aconteceu no domingo, 21 de dezembro, também na Tenda das Padroeiras. A Pastoral de Rua, em conjunto com o Projeto Banho Solidário, acolheu aproximadamente 200 pessoas em situação de rua para a confraternização natalina. O espaço foi preparado de modo simples e organizado, favorecendo o encontro e a proximidade, sem improvisações nem exposição desnecessária.

Ao longo do encontro, foram oferecidos banho, roupas limpas, kits de higiene, corte de cabelo e um almoço preparado com atenção. Cada gesto contribuiu para que aquele espaço se tornasse lugar de reconhecimento da dignidade de cada pessoa acolhida. Mais do que serviços prestados, o que se

viveu ali foi uma experiência de encontro humano, marcada pelo respeito e pela escuta.

O momento foi concluído com uma oração conduzida pelo nosso pároco, padre Rubens Sodré Miranda, ajudando a recolocar cada vida diante do sentido mais profundo do Natal. Celebrar o nascimento de Jesus nesse contexto tornou ainda mais eloquente o mistério da Encarnação. Deus se faz próximo da humanidade concreta, especialmente onde a vida é mais frequentemente ignorada ou esquecida.

Um elemento confere unidade a todo esse percurso. As pessoas atendidas ao longo do ano pelas pastorais sociais da paróquia foram conduzidas até a Tenda das Padroeiras para



a confraternização natalina, com o apoio de uma empresa contratada para garantir o transporte. Esse cuidado revela uma opção pastoral clara, criar condições reais para que todos pudessem participar e sentir-se parte da comunidade, sem exceções.

Esse conjunto de iniciativas dialoga com o apelo do Papa Leão XIV em sua carta *Dilexi te*, ao recordar que a caridade cristã não pode permanecer fragmentada, mas deve gerar processos de inclusão, encontro e comunhão. O que se viveu na Tenda das Padroeiras tornou visível essa visão, uma Igreja enraizada em seu território e atenta às realidades mais frágeis.

Ao contemplar esse caminho, a comunidade paroquial é convidada a reconhecer que não se trata de uma simples soma de eventos. Cada gesto, cada presença e cada escolha compõem uma narrativa maior, na qual fé e vida se entrelaçam. Esses gestos atravessam o ano porque são sustentados por convicções profundas e deságuam no Natal porque ali encontram seu sentido pleno, a celebração da vida, da dignidade e da comunhão.

É nesse caminho perseverante e comunitário que a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwíges permanece fiel à sua missão, tornando-se sinal de humanidade e esperança, expressão concreta do Evangelho no coração da cidade.

## CANTATA DE NATAL PREPARA A COMUNIDADE PARA ACOLHER O NASCIMENTO DO MENINO DEUS

O tempo do Advento conduz a Igreja a uma espera que não é passiva, mas profundamente marcada pela vigilância, pela esperança e pelo desejo de acolher Deus que vem. Nesse caminho rumo ao Natal, na noite do dia 22 de dezembro, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwíges viveu uma noite especial com a realização da Cantata de Natal apresentada pelo Grupo Vozes do Natal. Mais do que um evento musical, a cantata tornou-se um verdadeiro anúncio do mistério da Encarnação, ajudando a comunidade a entrar espiritualmente no coração desta grande celebração cristã.



A música, quando nasce do serviço à fé, tem a capacidade de tocar o coração, despertar a interioridade e abrir espaços de silêncio e contemplação. Foi isso que se percebeu ao longo da apresentação. As vozes harmonizadas, os arranjos bem cuidados e a escolha criteriosa do repertório criaram um ambiente propício à oração e à escuta, permitindo que a mensagem do Natal fosse acolhida não apenas como tradição cultural, mas como acontecimento de fé que transforma a vida.

O grupo Vozes do Natal tem uma história que ajuda a compreender a qualidade da apresentação. Segundo Eduardo Alfaix, um de seus integrantes, o grupo nasceu do desejo de unir experiências musicais já consolidadas. A iniciativa surgiu da junção de dois grupos de Goiânia, o Grupo Clave de Sol e o Grupo Bel Canto, ambos formados por cantores profissionais que atuam há anos em casamentos, formaturas e eventos diversos. A partir dessa união, começaram a ensaiar um repertório natalino que reúne músicas tradicionais e composições mais contemporâneas, sempre com alto nível técnico e artístico.

Essa soma de vozes e trajetórias resultou num conjunto vocal consistente, capaz de aliar excelência musical e sensibilidade espiritual. Cantores experientes colocam seus dons a serviço de uma proposta que vai além da performance.



A música torna-se linguagem de evangelização, meio de anúncio e instrumento para tocar o coração das pessoas, favorecendo o encontro com o mistério celebrado.

Neste final de ano, sempre tendo como motivação a celebração do Natal, o Grupo Vozes do Natal se apresentou em diversas cidades do estado de Goiás, entre elas Jataí, Rio Verde, Anicuns e Petrolândia, além de outras localidades. Cada apresentação foi vivida como oportunidade de levar a mensagem do Natal a públicos diversos, em contextos distintos. O grupo realizou também uma apresentação em Gramado, no Rio Grande do Sul, experiência que ampliou ainda mais o alcance da proposta e abriu novos horizontes para o futuro.

Para o próximo ano, já estão previstas participações significativas, como a presença na abertura oficial do Natal Luz, em Gramado, e na chegada do Papai Noel no Flamboyant, em Goiânia. Neste ano, o grupo participou ainda da gravação de um flash mob, sinal de como a música natalina pode alcançar novos espaços e linguagens, mantendo viva a mensagem central da fé cristã.

Ao refletir sobre os frutos dessas apresentações, Eduardo destacou o poder que a música tem de alcançar o lado emocional e religioso das pessoas. O repertório da cantata é pensado para dialogar com um público amplo, reunindo músicas de inspiração católica e evangélica. Essa diversidade permite que a mensagem do Natal ultrapasse fronteiras confessionais e toque o coração de todos, criando um espaço comum de escuta, emoção e espiritualidade.

A mensagem que o grupo deseja transmitir é clara e profundamente enraizada na fé cristã. O Natal celebra o nascimento do Menino Deus, isto é, o mistério pelo qual o Filho eterno de Deus entra na história humana e se faz próximo de todos. Em meio a tantos símbolos e expressões culturais que envolvem essa festa, é fundamental recordar quem está no centro da celebração. Mais do que qualquer personagem ou tradição secundária, é o mistério da Encarnação que dá sentido ao Natal. E é essa verdade que o Vozes do Natal procura anunciar por meio da música, ajudando as pessoas a reencontrarem o significado mais profundo desta celebração.

A cantata apresentada na Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges foi, portanto, um momento de evangelização, comunhão e preparação espiritual para a celebração do Natal. A comunidade pôde experimentar como a arte, quando colocada a serviço da fé, ilumina a vida, fortalece a esperança e prepara o coração para acolher o Deus que se faz próximo.

Ao final, fica o sincero agradecimento a Eduardo Alfaix e a todos os integrantes do Grupo Vozes do Natal pela presença generosa, pelo testemunho artístico e pela contribuição espiritual oferecida à comunidade. Que a música entoada nesta noite continue ecoando nos corações e ajude a todos a celebrar o Natal com mais fé, esperança e alegria, acolhendo Jesus como o verdadeiro centro desta festa.



## PARÓQUIA CELEBRA A MISSA DA VIGÍLIA DO NATAL COM GRANDE PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE

A Missa da Vigília do Natal ocupa um lugar singular na vida litúrgica da Igreja. Celebrada na noite de 24 de dezembro, ela marca a passagem da espera ao cumprimento, do silêncio à Palavra que se faz carne. A comunidade se reúne quando a noite cai para proclamar que a luz não nasce das forças humanas, mas é dom de Deus. O Natal não é apenas a lembrança de um acontecimento passado, é a atualização do mistério da Encarnação, Deus que entra na história e assume a condição humana.

Na Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, a Missa da Vigília do Natal foi celebrada às 20 horas, reunindo grande número de fiéis. Famílias inteiras, crianças, jovens e adultos se encontraram para celebrar juntos a noite santa. A assembleia reunida tornou-se expressão visível de um povo que se reconhece convocado para acolher o nascimento do Salvador e renovar a própria fé.



A tradição chama essa celebração de Missa do Galo, nome que atravessa séculos e culturas e remete à vigília atenta de quem espera. Liturgicamente, trata-se da Missa da Noite do Natal, marcada pelo anúncio solene do nascimento de Jesus, pela proclamação da Palavra que ilumina as trevas e pela celebração da Eucaristia. Nela, a Igreja não apenas recorda o nascimento do Menino em Belém, mas o acolhe sacramentalmente no hoje da comunidade, reconhecendo que Deus continua a visitar o seu povo.

A celebração foi vivida com sobriedade e profundidade, favorecendo a participação atenta dos fiéis. O canto, os momentos de silêncio, a escuta da Palavra e os gestos litúrgicos ajudaram a conduzir a assembleia ao centro do mistério celebrado, criando um clima de recolhimento e gratidão.

A Vigília do Natal proclama uma verdade decisiva da fé cristã. Deus não entra na história pelo caminho do poder, mas pela via da simplicidade. O Filho de Deus nasce na noite, fora dos palácios, acolhido por gente simples. Celebrar



essa Missa é reconhecer que a salvação não vem da força, mas do amor que se abaixa e se faz presença. É essa lógica da Encarnação que ilumina a vida cristã e orienta a missão da Igreja no mundo.

A comunhão vivida nessa noite fortalece também os laços comunitários. Celebrar juntos o Natal recorda que a fé não é experiência individual, mas caminho partilhado. A assembleia reunida manifesta uma Igreja que caminha unida e que é chamada a testemunhar, no cotidiano, aquilo que celebra na liturgia, especialmente por meio da caridade e do compromisso com o bem comum.



Ao final da celebração, permaneceu no coração da comunidade a certeza de que a noite santa não se encerra com a Missa. Acolher o Menino Jesus significa permitir que Ele transforme as relações, inspire gestos concretos de solidariedade e renove o compromisso com o Evangelho. A Vigília do Natal, assim vivida na Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, tornou-se fonte de esperança e luz para o caminho que se abre no novo ano.

## ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA CELEBRA SANTO ESTÊVÃO E FORTALECE A MISSÃO DIACONAL

No dia 26 de dezembro, data em que a Igreja celebra a memória litúrgica de Santo Estêvão, primeiro mártir do cristianismo, a Arquidiocese de Goiânia viveu um momento significativo de fé, comunhão e renovação do serviço diaconal. A Santa Missa foi celebrada na Catedral Metropolitana de Goiânia, reunindo diáconos, familiares e fiéis para louvar a Deus e recordar o testemunho daquele que, cheio do Espírito Santo, deu a vida pelo Evangelho.



A celebração teve caráter especial, pois Santo Estêvão é o padroeiro da Escola Diaconal da Arquidiocese. Nesse contexto, a Missa tornou-se também ocasião para agradecer pelos muitos diáconos ordenados ao longo dos anos, que, a exemplo de Santo Estêvão, colocam sua vida a serviço da Palavra, da caridade e da comunhão eclesial, em estreita ligação com a vida concreta das comunidades.

A Santa Missa foi presidida por Dom Danival Milagres, Bispo Auxiliar de Goiânia e referencial para o diaconato arquidiocesano, e concelebrada por Dom Levi Bonatto, também Bispo Auxiliar de Goiânia. A liturgia destacou a vocação diaconal como ministério de serviço, obediência e entrega, profundamente enraizado no mistério de Cristo Servo, que veio não para ser servido, mas para servir.

Durante a celebração, um momento de especial emoção foi a comemoração das Bodas de 55 anos do casal **Diácono Ramon Curado e Conceição Curado**. A vida matrimonial, vivida com fidelidade ao longo de mais de cinco décadas, foi reconhecida como testemunho eloquente de amor perseverante e comunhão fecunda, inseparável da missão diaconal exercida em favor da Igreja e do povo de Deus.

Ao final da Missa, aconteceu o envio da nova diretoria da Comissão Arquidiocesana dos Diáconos de Goiânia (CAD). Foi eleito presidente o Diácono Mauro Aparecido de Oliveira, tendo como vice-presidente o Diácono Carlos Vieira de Brito. Assumiram a função de secretários os Diáconos Dino Magalhães Soares e Geraldo Mendes da Silva, e como tesoureiros os Diáconos Adériton Oliveira Marques e Paulo Zanolini Facchini. O momento foi marcado por oração e espírito de comunhão, reafirmando a corresponsabilidade e a unidade no exercício do serviço diaconal.



Cabe destacar que o Diácono Mauro Aparecido de Oliveira exerce atualmente a presidência da Comissão Regional dos Diáconos do Centro-Oeste, para o período de 2024 a 2028, e foi agora eleito para assumir também a presidência do Diaconato Arquidiocesano de Goiânia no triênio de 2026 a 2029, missão que acolhe como serviço confiado pela Igreja.

Convém recordar, contudo, que o Diácono Mauro exerce o seu ministério diaconal na Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, lugar ordinário e prioritário de sua missão. É na vida paroquial, no contato cotidiano com o povo de Deus, na caridade concreta, no serviço da Palavra e da liturgia, que o ministério diaconal encontra sua referência primeira, à qual se ordenam e da qual recebem sentido as demais responsabilidades assumidas em âmbito arquidiocesano e regional.



Após a celebração litúrgica, os diáconos e seus familiares participaram de um momento fraterno de confraternização. Em clima de alegria natalina, o encontro favoreceu a convivência e o fortalecimento dos laços de amizade e gratidão, próprios deste tempo em que a Igreja celebra a proximidade de Deus que se faz presente na história do seu povo.

A celebração de Santo Estêvão reafirma que o diaconato permanente é chamado a ser sinal vivo de uma Igreja servidora, fiel à Palavra e atenta às necessidades dos irmãos, vivendo na obediência, na unidade e na caridade que brota do Evangelho.

## COMUNIDADE PAROQUIAL ENTRA EM TEMPO DE AVALIAÇÃO E PLANEJAMENTO PARA 2026

Ao nos aproximarmos do final de 2025 e já às portas de um novo ano, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges entra, com serenidade e responsabilidade, em um tempo de avaliação e planejamento. Não se trata apenas de concluir agendas e encerrar atividades. Trata-se de fazer uma pausa lúcida, de memória e discernimento, para reconhecer o caminho percorrido, agradecer o bem realizado e, com humildade, perceber o que precisa ser purificado e fortalecido. A vida pastoral amadurece quando aprende a olhar para si mesma com verdade, sem triunfalismo e sem desânimo, e quando transforma essa leitura em decisões concretas para o futuro.



Por isso, desde o mês de novembro, a paróquia iniciou um processo avaliativo que envolve pastorais, movimentos, grupos e projetos. A avaliação não é uma fotografia do passado, ela é um instrumento de futuro. Ao reler 2025, cada serviço é convidado a identificar frutos e desafios, mas também a apontar prioridades, metas e escolhas que devem orientar 2026. Em outras palavras, não avaliamos apenas para registrar, avaliamos para aprender, integrar e projetar, para que o novo ano não seja repetição automática, mas continuidade mais consciente e mais missionária.

Há algo profundamente cristão nesse gesto. Avaliar não é controlar, é amar. É reconhecer que a missão não se sustenta apenas pela boa vontade ou pela soma de eventos, mas pela qualidade do caminho. A avaliação, quando é feita em espírito de oração, tem ajudado a comunidade a distinguir o essencial do secundário, a perceber onde a energia pastoral se dispersou, e a reconhecer onde a graça gerou frutos silenciosos. Ela também tem impedido que nos acomodemos, porque nos lembra que o Evangelho sempre nos pede mais



profundidade, mais comunhão, mais cuidado com as pessoas e com os vínculos.

Nesse horizonte, foi solicitado às coordenações que organizassem, com seus membros, um momento oportuno de avaliação, de preferência em ambiente orante. A oração não é um detalhe. Ela é o lugar onde a análise se torna discernimento e onde a crítica se torna fecunda. Quando a comunidade se coloca diante de Deus para avaliar, as palavras ganham mansidão, as feridas podem ser nomeadas sem agressividade, e a esperança se transforma em compromisso real. Avaliar, assim, não é apenas falar do que foi feito, mas escutar o que o Espírito está pedindo agora.

As quatro perguntas propostas para orientar esse processo foram pensadas para favorecer exatamente essa dimensão prospectiva. Elas convidam cada pastoral e grupo a reler o ano como caminho de fé, serviço e convivência, a nomear desafios e conquistas, a reconhecer frutos e, sobretudo, a indicar iniciativas e prioridades para 2026. Essa última dimensão é decisiva. Não buscamos apenas uma lista de atividades, buscamos uma leitura que ajude a paróquia a compreender quais caminhos devem receber maior atenção, quais frentes precisam de consolidação, quais processos exigem perseverança e quais passos novos podem ser assumidos com realismo e ardor missionário.

É nesse ponto que a avaliação se liga de modo natural à construção da Agenda Paroquial 2026. A agenda é importante, mas ela é consequência de algo maior. Ela nasce de prioridades discernidas, de metas assumidas e de processos que queremos cuidar. Quando cada pastoral preenche seu calendário, a paróquia consegue integrar esforços, favorecer a participação do povo e evitar sobreposições. Mas o mais importante é que, por trás de cada data, exista um sentido, uma intenção pastoral, uma direção clara. Assim, a agenda deixa de ser apenas um cronograma e se torna expressão concreta de um planejamento comunitário, no qual a missão é pensada em conjunto e sustentada com corresponsabilidade.



Também é importante recordar que esse processo não pertence apenas às coordenações. Ele envolve toda a comunidade. Quando um grupo avalia com sinceridade e envia sua contribuição, ele não está apenas prestando uma informação, ele está oferecendo um serviço à paróquia inteira. A partir dessas respostas, será possível construir uma visão mais ampla do caminho, identificar convergências, acolher sugestões, perceber lacunas e organizar melhor as prioridades para o novo ano. É assim que se fortalece uma paróquia que caminha com unidade, sem perder a riqueza de seus carismas e de suas expressões.

Ao concluir este ano, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges reconhece com gratidão o empenho generoso dos agentes de pastoral e a confiança discreta que sustenta a vida comunitária. Há muito bem realizado que não aparece, há fidelidades silenciosas que sustentam a missão, há presenças que permanecem mesmo quando ninguém nota. E é justamente por valorizar essa trama de dedicação e pertença que queremos avaliar e planejar com seriedade, para cuidar melhor das pessoas, fortalecer vínculos, qualificar processos formativos e tornar mais fecunda a ação evangelizadora.

## MISSA NA CATEDRAL MARCA O ENCERRAMENTO DO ANO SANTO NA ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA

Na tarde deste domingo, 28 de dezembro de 2025, a Catedral Metropolitana Nossa Senhora Auxiliadora foi o espaço celebrativo do encerramento do Ano Santo na Arquidiocese de Goiânia. A solene Missa foi presidida pelo arcebispo de Goiânia, Dom João Justino de Medeiros Silva, e concelebrada por Dom Levi Bonatto, Dom José Roberto Ribeiro e uma participação significativa de presbíteros, reunindo o povo de Deus em clima de comunhão, oração e gratidão. A celebração concluiu um tempo forte da vida eclesial, vivido intensamente ao longo de todo o ano, e ofereceu à Arquidiocese a oportunidade de reler sua caminhada à luz da fé.



Logo no início da celebração, Dom João Justino de Medeiros Silva fez uma retomada dos acontecimentos marcantes vividos pela Arquidiocese ao longo deste ano que se encerra. Não se tratou de um exercício nostálgico, mas de uma leitura espiritual da história recente, capaz de reconhecer frutos, desafios e apelos que emergiram da caminhada comum. Essa memória eclesial, assumida desde o início da liturgia, ajudou a situar o encerramento do Ano Santo como um momento de discernimento e de responsabilidade, favorecendo uma atitude de gratidão pelo bem realizado e, ao mesmo tempo, de lucidez diante daquilo que ainda pede conversão, amadurecimento e novas respostas pastorais.

O encerramento do Ano Santo não foi compreendido como um ponto final, mas como uma passagem. O Jubileu de 2025 constituiu-se como um tempo favorável para a



renovação espiritual, para a retomada do essencial da vida cristã e para o fortalecimento da esperança. Ao concluir este período, a Igreja particular de Goiânia reconheceu, de modo sereno, que a graça vivida não se encerra com o calendário, mas pede continuidade, maturação e tradução concreta na vida cotidiana das comunidades.

Ao longo do Ano Santo, as igrejas jubilares desempenharam papel importante como lugares de peregrinação, oração e aprofundamento da fé. Entre elas esteve a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, que acolheu inúmeros fiéis ao longo do ano. Nesse contexto, as indulgências foram vividas como parte do caminho jubilar, ajudando a recordar que a misericórdia de Deus não se limita ao perdão, mas se desdobra em cura interior e renovação da vida cristã, sempre vinculadas à conversão, à vida sacramental e à prática da caridade.

A celebração ganhou densidade particular por coincidir com a Festa da Sagrada Família. Ao longo da liturgia, este horizonte foi retomado como referência fundamental para a vida cristã. A Sagrada Família foi apresentada como escola de fé vivida no cotidiano, onde se aprende a fidelidade, a perseverança e o amor construído dia após dia, no interior da casa, nas relações simples e nas responsabilidades assumidas. Ao colocar a família no centro da reflexão, o arcebispo indicou

uma direção pastoral clara, fortalecer uma evangelização enraizada nos vínculos, na presença pastoral, no cuidado mútuo e na responsabilidade compartilhada, onde a fé se transmite pela proximidade, pelo testemunho e pela vida.



Após a comunhão, a celebração caminhou para um desfecho de grande densidade simbólica e espiritual. Foi entoado o *Te Deum*, canto tradicional de louvor e agradecimento, no qual a assembleia reconheceu a presença fiel de Deus na história e confiou a Ele todo o caminho percorrido durante o Ano Santo. Em seguida, realizou-se o rito do apagar da chama da lamparina que, desde a abertura do Jubileu, permaneceu acesa como sinal visível de continuidade. A mesma lamparina esteve presente em todas as igrejas jubilares da Arquidiocese e acompanhou silenciosamente o ano inteiro,

recordando que a esperança precisa ser cuidada, alimentada e preservada.

O gesto final ajudou a compreender, com maturidade, o sentido do encerramento. Apaga-se a chama do sinal, mas não se apaga aquilo que ela simbolizou. O Ano Santo se conclui, mas o chamado permanece. A graça jubilar é agora confiada à vida concreta da Igreja, à oração mais fiel, à participação consciente na Eucaristia, à comunhão comunitária mais sólida e ao compromisso cristão vivido com coerência e perseverança.

O encerramento do Jubileu abriu, ao mesmo tempo, um horizonte novo. Dom João Justino de Medeiros Silva convocou a Arquidiocese a assumir um renovado impulso missionário, tendo no horizonte a preparação para o Congresso Eucarístico. Nesse sentido, 2026 se apresenta como um ano eminentemente missionário, no qual a fé celebrada se traduz em testemunho, a Eucaristia gera missão e a Igreja se faz presença mais próxima, acolhedora e servidora, especialmente junto às famílias e aos que mais necessitam.

Encerrar o Ano Santo na Catedral, com a presença dos bispos, do clero e do povo de Deus, foi um gesto arquidiocesano de unidade e de orientação pastoral. A lamparina concluiu sua função como sinal visível, e a Igreja assume agora a responsabilidade de manter acesa, no cotidiano da vida, a luz que o Jubileu reacendeu. Este é o legado que permanece, uma fé mais consciente, uma esperança mais amadurecida e uma missão assumida com clareza, liberdade interior e compromisso.

## TE DEUM MARCA O ENCERRAMENTO DO ANO NA PARÓQUIA NOSSA SENHORA APARECIDA E SANTA EDWIGES

Ao meio-dia de 31 de dezembro, a Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges se reuniu para um gesto simples e, ao mesmo tempo, carregado de sentido, o canto solene do *Te Deum*, oração tradicional da Igreja para agradecer a Deus pelo tempo vivido e confiar a Ele o tempo que se abre. O toque dos sinos marcou o início da celebração e, em seguida, a comunidade entoou o Hino do Jubileu, como sinal de que a esperança cristã não é ideia abstrata, mas caminho que se faz em comunhão, com a vida colocada diante de Deus.



A boa participação dos fiéis deu ao momento um tom de família reunida. Muita gente interrompeu o ritmo do

dia, atravessou a correria própria do fim de ano e escolheu parar, de verdade, não para “cumprir um rito”, mas para fazer memória, agradecer, purificar o coração e recomeçar com mais clareza de propósito. O roteiro da celebração recordava justamente esse itinerário espiritual, reconhecer a presença de Deus na história, examinar a vida vivida, acolher o perdão, agradecer pelos dons e renovar o compromisso com o Evangelho, confiando o passado à misericórdia e o futuro à providência. O novo ano foi acolhido não apenas como tempo que se organiza em agendas e compromissos, mas como tempo oferecido à graça, no qual Deus continua a agir e a conduzir a vida da comunidade.

A exposição do Santíssimo Sacramento conduziu a assembleia a um clima de recolhimento. Sem pressa, a oração ganhou profundidade, porque se apoiou no essencial, estar diante do Senhor, com a vida real, com suas alegrias e limites, com gratidões e feridas, com desejos e temores. A própria introdução do ato penitencial convidava a comunidade a olhar para dentro, com verdade e humildade, não para se justificar, mas para reconhecer o que precisa ser convertido e confiado à misericórdia de Deus, que não acusa, mas chama à reconciliação e à vida nova.



A Palavra de Deus, escolhida para iluminar esse encerramento, trouxe a força mansa de Jeremias. Deus recorda a um povo em tempo de incerteza que seus desígnios são de vida e esperança e convida à oração, à busca sincera e à confiança. A celebração ajudou a perceber que o futuro não é uma folha em branco entregue ao acaso, mas um tempo que pode ser habitado com fé, responsabilidade e serenidade, porque Deus caminha conosco e se deixa encontrar por quem o busca de todo o coração.

Depois da escuta da Palavra e das intenções apresentadas pela assembleia, a oração de entrega deu voz ao que muitos traziam no coração, colocar diante do Senhor o novo ano, com planos, desejos e projetos, pedindo sabedoria, retidão e humildade, suplicando direção quando os passos forem incertos e sustentação quando as forças forem limitadas. Foi um modo muito concreto de afirmar que a vida cristã não é apenas lembrar Deus em momentos marcados, mas caminhar com Ele, deixando que a sua vontade conduza cada passo.

É nesse horizonte que o *Te Deum* se torna especialmente eloquente. O roteiro lembrava que, depois de apresentar o caminho percorrido, acolher o perdão e reconhecer a presença fiel de Deus, a comunidade é convidada a elevar um louvor solene. O *Te Deum* é o hino de ação de graças da Igreja, cantado em união com a Igreja inteira, no céu e na

terra, proclamando que Deus esteve conosco em todas as circunstâncias e confiando a Ele o tempo que passou e o tempo que virá.



A celebração foi concluída com a bênção do Santíssimo Sacramento e o ato de louvor, prolongando, em forma de oração comunitária, aquilo que a fé reconhece no cotidiano, Deus conduz, sustenta, protege a Igreja e derrama bênçãos sobre o seu povo.

A paróquia agradece, de modo particular, ao Coral Nossa Senhora Aparecida, cuja participação ajudou a transformar o roteiro em verdadeira oração cantada, com beleza, sobriedade e espírito de fé. Agradecemos também a todos que se envolveram na organização e no serviço discreto que possibilitou que a comunidade vivesse este momento com unidade e recolhimento, pois é justamente esse cuidado silencioso que sustenta, por dentro, a vida litúrgica e espiritual da paróquia.

Que o *Te Deum*, cantado no último dia do ano, permaneça como memória espiritual e como critério para o novo tempo. Agradecer é aprender a reconhecer a graça, e entregar é aprender a caminhar. Assim, entramos no novo ano com o coração mais lícido e mais disponível, certos de que Deus segue fiel, e de que a esperança cristã, quando é vivida, torna-se presença.

## Horários de Missas

Segunda-feira: **06h45**

Terça-feira: **06h45 e 19h30**

Quarta-feira: **06h45, 15h e 19h30**

Quinta-feira: **06h45 e 19h30**

Sexta-feira: **06h45 e 19h30**

Sábado: **06h45 e 17h**

Domingo: **07h, 09h, 11h, 16h, 18h e 20h**

☎ **62 3259-8374**    📞 **62 98410-0165**

🌐 [www.paroquiasantaedwiges16.org.br](http://www.paroquiasantaedwiges16.org.br)

📷 [@paroquiasantaedwiges16](https://www.instagram.com/paroquiasantaedwiges16)

**Paróquia**  
**Nossa Senhora Aparecida**  
**e Santa Edwiges**



### Doações e Dízimo

Pix (CNPJ): 01.569.466/0119-67

Banco do Brasil

Agência 4148-3

Conta Corrente: 2.200.865-9